

**TRAJETÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO EDUCACIONAL:  
NARRATIVAS/MEMÓRIA**

**TRAJECTORY OF THE CONSTRUCTION OF THE EDUCATIONAL  
POLITICAL PROJECT: NARRATIVE MEMORY**

Adma Cristhina Salles de Oliveira. (UEMS)

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar como um projeto, forjado no meio dos movimentos sociais, constituiu-se como formador político educacional da população do Município de Mundo Novo - MS. Para tanto, escolhemos o período de 1997 a 2000, durante o mandato da prefeita Dorcelina de Oliveira Folador. Procuramos registrar e analisar os depoimentos dos sujeitos envolvidos com o projeto educacional desenvolvido na região. Nossa intenção ao dialogar com os sujeitos que participaram da construção do projeto educacional foi registrar essas narrativas. Recorremos à história oral para materializar a memória dos sujeitos sociais que participaram desta construção. Consideramos que a “memória é um fenômeno construído, quando trabalhamos com a memória, utilizamos a lembrança dos depoimentos individuais, que são fruto das relações: familiares, grupais, escolares, da igreja. Estas lembranças compõem a memória pessoal e coletiva. Considerando a experiência vivida no município, registramos a construção de um projeto educacional inspirado nos princípios educacionais dos movimentos sociais.

**Palavras-chave:** educação, movimentos sociais, projeto político, memória

**ABSTRACT:** The present work has as objective to analyze as a project, forged in the middle of the social movements, it was constituted as educational political formador of the population of the Municipal district of New World - BAD. For so much, we chose the period from 1997 to 2000, during the mayoress's Dorcelina of Oliveira Folador mandate. We tried to register and to analyze the depositions of the subjects involved with the educational project developed in the area. Our intention when dialoguing with the subjects that participated in the construction of the educational project went register those narratives. We fell back upon the oral history to materialize the memory of the social subjects that participated in this construction. We considered that the " memory is a phenomenon construído, quando we worked with the memory, we used the memory of the individual depositions, that are fruit of the relationships: family, grupais, school, of the church. These memories compose the personal and collective memory. Considering the experience lived in the municipal district, we registered the construction of an educational project inspired by the educational beginnings of the social movements.

**KEYWORDS:** education; social movements; I project political; memory

### **Introdução**

Nossa reflexão se faz presente em estudar o projeto político educacional, implementado em Mundo Novo, que foi construído a partir dos princípios pedagógicos do MST e do projeto político do PT, de gestão democrática e organização da sociedade civil. Nossa intenção foi dialogar com os sujeitos que participaram da construção do projeto educacional no município de Mundo Novo. Em nossa discussão procurou-se registrar e analisar as narrativas dos sujeitos envolvidos com o projeto

educacional. Estas narrativas foram coletadas durante o ano de 2008 e 2009, por meio de perguntas e de conversas informais, e posteriormente transcritas, optando por respeitar a fala dos narradores, e o envolvimento das mesmas num mesmo objetivo, pois como um projeto político, forjado no meio dos movimentos sociais, constituiu-se centro formador político educacional da população de Mundo Novo. Como, em pouco tempo, tornou-se possível utilizar de instrumentos, como O.P., para a formação da cidadania? Como pode a participação popular promover mecanismos de decisão da gestão pública, privilegiando a educação informal e formal dos menos favorecidos? Estas questões se evidenciam em questionamentos e em respostas no bojo central desta pesquisa. Assim, recorreremos à história oral para registrar a memória dos sujeitos sociais que participaram desta construção. Neste sentido, consideramos que a “memória é um fenômeno construído”, a exemplo de Pollak (1989). Corroboramos Halbwachs (2004) que entende a memória coletiva a partir de sua dinâmica, pois esta se forma nas disputas políticas, religiosas, sociais, no processo de construção de identidade do sujeito, com diferentes grupos sociais, nos quais idéias e concepções entram em disputa. Assim, a memória individual constitui-se sob a influência social, pois não é independente, mas dialética.

Aprendemos com Bosi (2001), que quando trabalhamos com a memória, utilizamos a lembrança dos depoimentos individuais, que são fruto das relações: familiares, grupais, escolares, da igreja. Estas lembranças compõem a memória pessoal e coletiva. Podemos afirmar, segundo ela:

... registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós. Este registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal. Desde sua concepção o trabalho situava-se, portanto, naquela fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e de sua cultura: fronteira que é um dos temas centrais da psicologia social. (p.37)

Sob este prisma, podemos afirmar que a memória não é isenta na sua constituição, é um caleidoscópio, ela se transforma por meio da experiência, do convívio. Neste trabalho, abordaremos lembranças de pessoas que, por meio de narrativas, nos contaram acerca do homem, da sua formação, da participação popular, da relação da política com a educação e com o compromisso dos sujeitos envolvidos com ato de educar. Estas narrativas são parte da comprovação de que se iniciou a construção de um projeto educacional, desenvolvido no município de Mundo Novo, no período de 1997 a 2000.

A partir das narrativas registradas, podemos observar como os movimentos sociais influenciaram as organizações populares, na construção do projeto político e educacional, como esta se deu no âmbito da coletividade, das memórias. Estas narrativas falam da importância da ampliação dos investimentos, que foi essencial para a consolidação do projeto educacional, que embora não tenha sido registrado em um documento oficial, não pode ter negada sua existência, pois as testemunhas desse processo nos falam nessa pesquisa, já como advoga Tuma

A produção de narrativas, no processo de interação entre História Oral – Memória, é permeada por sensibilidades trazidas pelo caráter dialógico, que se concretiza na arte da produção do conhecimento da e sobre a história de vida. (2007, p. 114)

Assim sendo, a produção do registro foi e é importante, pois esse período que estamos abordando correu o risco de ser perdido ou alterado, diante da história oficial e do assassinato da prefeita Dorcelina de Oliveira Folador, líder na construção do projeto educacional. Nosso trabalho consistiu em registrar os diferentes pontos de vista acerca dos fatos, pois, dependendo do ponto de vista do narrador com quem dialogamos, apresentam-se diferentes versões: a memória individual presente na constituição da memória coletiva. (HALBWACHS, 2004) Como destaca Bosi (2001):

Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. (p. 413).

Essa é uma das características da história oral, sua dinamicidade. Quando falamos de história oral abrimos uma nova possibilidade de registro dos fatos, pois esta possibilita a narrativa dos sentimentos, das emoções, do envolvimento ideológico, da subjetividade inerente ao homem e a sua cultura. De acordo com Alberti (2005, p. 118), a história oral é:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

Cada narrador enriquece o relato de sua memória pessoal com detalhes, um mesmo fato pode ter versões diferentes. Ainda como afirma Alberti (2005, p. 42).

A subjetividade nestas narrativas pode adquirir objetividade ao se considerar a presença das considerações das representações que, aliadas aos fatos, permitem a interação e entrecruzamento do individual e o coletivo, do imediato com a tradição e do subjetivo com o objetivo, possibilitando melhor entendimento do passado sem a perda da dimensão da responsabilidade do pesquisador na interpretação da análise do material colhido.

Ao realizarmos entrevistas semi-estruturadas ficou evidente como é importante o registro da memória, para valorizar a transformação do homem. A função da memória é relembrar situações marcantes que representem o compromisso com as ações de transformação, tanto com as mudanças singulares quanto com a valorização do ser humano em sua totalidade. A história oral, do ponto de vista de quem relata, aproxima o sujeito do objeto, embora tenha um grau de ingenuidade e singularidade, não podemos negar sua totalidade sintética.<sup>33</sup> “Quando o indivíduo vivencia e relata sua trajetória, se identifica a um grupo social do qual ele é elemento constitutivo” (MARIN, 2002). Em consonância, afirma Queiroz

Toda a história de vida encerra um conjunto de depoimentos. O termo foi muito cedo definido juridicamente, significando interrogações com a finalidade de estabelecer a

<sup>33</sup> A idéia de que a totalidade só é formada por um conjunto de individualidades.

verdade dos fatos. Perde, porém esta conotação nas ciências sociais, para significar algo que o informante efetivamente presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu, podendo assim certificar. [...] Desta forma, nas ciências sociais, o depoimento perde sentido de estabelecimento da verdade para manifestar somente o que o informante presenciou e conheceu (2003, p. 7).

Partindo do exposto, a história oral foi teoria e procedimento metodológico utilizado nesta pesquisa, ela se fez pelo registro das narrativas, por meio de um roteiro de perguntas que visassem a condução dos diálogos, entrevistando os sujeitos envolvidos. Para este registro utilizou-se do recurso de gravação digital, e da transcrição dos depoimentos na íntegra, representando a história contada.

No caso de Mundo Novo, o projeto educacional tinha como objetivo a promoção da emancipação da sociedade mundonovense. O processo histórico de construção do projeto está presente nas narrativas dos sujeitos que participaram efetivamente da sua constituição.

Quanto maior aproximação destes sujeitos envolvidos com o projeto educacional, maior contribuição para a construção da história, a partir das narrativas orais, que permitem a comprovação de todo o processo de construção coletiva. Minayo (1994), ao falar sobre o trabalho de registro da oralidade, considera importante que:

O objeto de investigação social, o pesquisador deve considerar que as pessoas envolvidas no processo de pesquisa são [...] sujeitos de estudo, pessoas em determinadas condições sociais, pertencentes a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados, e que esse objeto apresenta-se em permanente estado de transformação. (p. 22).

Neste caso, registramos algumas narrativas em que os sujeitos envolvidos com a construção do projeto político na sua relação com o ato pedagógico, e com os instrumentos utilizados, na participação da sociedade civil, apresentaram versões diferentes do mesmo fato.

O registro dessa experiência educacional se deu por meio dos sete depoimentos, somente um dos narradores não possuía a formação docente. As vozes, evidenciaram problemáticas educacionais, embora ocupassem cargos diferentes, seus objetivos se cruzam ao longo de suas narrativas, alguns foram mais detalhistas, outros foram pontuais, diretos.

As entrevistas permitiram um diálogo com os sujeitos atuantes no projeto político, que consideramos, tinha cunho educacional, pois os envolvidos na construção do projeto político e educacional objetivavam ir além das paredes da escola, da sala de aula, como afirmou a diretora da escola “derrubamos os muros da escola”. Estavam comprometidos com ações não apenas pedagógicas, mas políticas, principalmente diante das desigualdades sociais do município de Mundo Novo. As memórias aqui destacadas fazem parte da história individual e coletiva.

Dividimos as narrativas em blocos temáticos, a divisão foi arbitrária, pois ela obedeceu apenas a uma organização metodológica dos fragmentos selecionados, por entendermos que os

temas tratados pelos narradores se interpenetravam, as narrativas não separaram o processo de construção do projeto político do projeto educacional. Os blocos temáticos são: a educação em Mundo Novo antes de 1996; os movimentos sociais e a construção do projeto político; o projeto educacional; o orçamento participativo, financiamento da educação; influências no Estado e os pontos negativos na implantação do projeto. No entanto apresentaremos apenas a análise de dois fragmentos pela densidade das narrativas e pela sistematização do artigo proposto, ou seja, a educação em Mundo Novo antes de 1996; os movimentos sociais e a construção do projeto político

### **Educação em Retrospectiva: a Educação em Mundo novo antes de 1996.**

Para entender a discussão que fizemos acerca do processo de construção do projeto político educacional, temos de ter presente como era o setor educacional antes de 1996, em Mundo Novo, recorreremos à memória individual para montar o mosaico de lembranças que compõem a história que estamos narrando na nossa pesquisa educacional.

Iniciamos essas narrativas com a secretária de educação, que nos fala primeiro acerca de como era a educação municipal, consideramos importante destacar o ponto de vista da entrevistada, pois completamente envolvida com a gestão educacional, aponta elementos específicos de quem conheceu de forma mais abrangente o contexto.

Era um caos, Era uma época confusa... Não tinha situação salarial, não tinha plano de cargo e carreiras, nem salário, o pessoal não recebia em dia, não havia plano salarial o pessoal não recebia em dia, o projeto político pedagógico da escola não contemplava o ensino da época, pela falta de espaço para o ensino fundamental e nem ensino infantil não havia educação infantil, havia só uma turminha de pré este era o ensino infantil... A educação Infantil praticamente não existia, as crianças da escola Carlos Chagas, comiam no sol não havia cobertura ela funcionava ao lado de uma delegacia. A escola da Copagril a José Honorato, antiga Petrônio Portela um rancho caindo aos pedaços, Ah! Lá também tinha um pré-escolar eram inadequadas as salas, a merenda era enlatada que vinha de fora, faltava material escolar, e muitas vezes a merendeira tinha que trazer alimentos de casa para fazer para os alunos, nada funcionava como deveria funcionar não tinha estrutura, para você perceber como a coisa era feia, havia uma escola que funcionava na Rua Zandoná, lá mais tarde foi construído um CEIM modelo no estado, mas antes funcionava a antiga delegacia que tinha uma pequena sala que abrigava 20 alunos, literalmente a educação era caso de polícia havia uma sala do lado de fora da delegacia com grade na porta e nas janelas e as crianças estudavam naquele ambiente, a coisa era muito séria a gente não tinha perspectivas no setor da educação. Tínhamos antes prefeitos, que não valorizavam a educação, a precariedade da educação, nunca valorizavam a merendeira, os professores os administrativos nem salários eles pagavam, eles sumiam e mendigávamos o salário na porta da casa, dos prefeitos que nem lembram que existe educação quanto mais projetos. A gente, como professora, perguntava sobre o dinheiro dos royalties e teve um dos prefeitos que respondeu que professor não tinha que entender de royalties e sim de dar aula, de sala de aula. Isso foi em 1990 não está tão longe, isso não faz muito tempo, isso foi até a pouco, éramos explorados na nossa força de trabalho. [...]

[...] tinha muita evasão, pois as escolas estavam na pobreza, situadas na periferia, em áreas carentes, antes de 97 só havia sala de aula e quadro e nada mais... [...]

Por esse registro, observamos como era problemática a questão educacional em Mundo Novo, o que se evidenciou na fala da depoente, sua narrativa repleta de informações acerca de como a educação não era prioridade nas gestões anteriores a 1996. Nesse depoimento destacou-se a questão da não valorização do trabalho do professor, os antigos administradores subestimavam a capacidade de organização dos trabalhadores em educação, excluía-os das decisões políticas.

Na parte final do depoimento, a narradora afirmou literalmente “éramos explorados na nossa força de trabalho”, ressaltando que houve uma mudança nesse sentido. Considerando que a memória atende ao chamado do presente e se modifica de acordo com as necessidades deste (HALBWACHS, 2004), compreendemos que, por estar envolvida emocionalmente na construção do projeto educacional, ela colocou a condição de exploração apenas no passado distante, como se não houvesse mais exploração hoje.

Ainda acerca de como era antes da gestão de Dorcelina, colhemos o depoimento da diretora que narrou apenas acerca da estrutura da escola e da desvalorização do ensino municipal escolar, ela relatou do ponto de vista de quem atuava na escola central e suas extensões.

Não havia nada que eu me lembrasse de algo bom pra educação, não havia nenhum projeto antes. Que eu me lembre não. As creches eram depósitos de crianças, baixa remuneração dos professores. [...]

[...] antes de 1997, as escolas campeãs sempre eram as estaduais e as escolas particulares porque tinham maiores investimentos com professores especializados e logística adequada, este quadro modifica a partir dos investimentos do município no esporte dos estudantes. [...]

Na perspectiva de dentro da escola, mas iniciante no magistério, o professor pronunciou-se acerca de como eram estas condições:

Eu assumi quando Dorcelina começou as transformações na educação. Nós tínhamos uma escola municipal Carlos Chagas que era em torno de 400 alunos frequentando, uma educação infantil em torno de 70 crianças que era na antiga delegacia, na antiga delegacia no Sargento Zandoná, e ai começaram as modificações... [...]

[...] antes o professor não tava nem aí pro aluno, o aluno passou, não passou... [...][os alunos]... tinham vergonha de falar que eram alunos da escola municipal... [...]

Ao contrário do depoimento anterior, a coordenadora do programa Bolsa-Escola narrou sobre como era antes a educação, com conhecimento das condições insalubres de trabalho, e da desvalorização do magistério:

Não havia nada antes de 1996, nossos salários eram atrasados constantemente, se o professor do município contasse para sobreviver do salário da prefeitura municipal, ele passava grandes dificuldades financeiras, os governos municipais não ligavam pra educação tanto é que o professor tinha que ter outra profissão, pois ficávamos até seis meses sem receber, eu mesma tive que abandonar meu período de professora do município pra vender roupa. [...]

[...] O envolvimento dos educadores, porque até então eles eram muito apáticos, era uma participação tímida, antes da revolução do município, de participação, depois eles ficaram mais afoitos, ... [...]

[...] Sim, um dos pontos que me lembro bem, está relacionado com a educação infantil, pois ela existia, mas não era legalizada... [...]

Segundo Bosi (2001), através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as percepções sobre o presente, como também desloca esse conjunto de impressões construídas pela interação do presente com o passado que passam a ocupar todo o espaço da consciência. Esse deslocamento do passado, ou melhor, reestruturação da lembrança pode explicar como o mesmo fato pode ser lembrado de forma diferente, de acordo com o envolvimento dos narradores. Como exemplo, temos o relato do professor, que se reportou ao número de alunos matriculados na escola e disse que este estava em torno de 400, o que não se confirmou na narração da secretária de educação, que veremos a seguir, pois esta contou-nos que eram em torno de 680 alunos matriculados na mesma escola. A memória recupera a informação de forma mais ou menos nítida, de acordo com a função que os narradores desempenhavam na época da qual estavam se recordando.

Quando perguntamos acerca da construção do projeto político educacional, e da importância dos movimentos sociais, a narrativa contemplou a organização da metodologia de trabalho dos movimentos sociais, ao descrever como se deu na prática toda a formação política e educacional da população. Foi possível perceber o que dissemos acerca da organização política dos movimentos sociais, o entrelaçamento dos princípios do MST com os do projeto político do PT, a partir do depoimento dos narradores. Observamos como a atuação política de Dorcelina, uma liderança do MST, que congregou uma comunidade em torno de um ideal, apareceu de forma constante nas narrativas..

Neste bloco, as narrativas não foram lineares, pois embora o tema fosse o projeto político educacional, ficava difícil para os entrevistados separarem o que era o projeto político, a formação e participação no interior dos movimentos sociais, no orçamento participativo, e a atuação nas escolas. Por essa questão, o recorte dos depoimentos foi mais difícil, novamente a separação foi arbitrária. Os fragmentos são densos, para que pudessem conter toda a diversidade de perspectivas dos narradores.

A narrativa do docente não confirmou o que afirmávamos acerca da memória individual, pois como sua atuação no início foi como vereador, a perspectiva educacional não apareceu de forma nítida, contemplou mais o aspecto de organização do orçamento participativo, que para ele significou o início da construção do projeto político:

Na verdade, é enquanto vereador da época eu acompanhei muito pouco, a primeira gestão onde a Dorcelina implementou o O.P, mais o que aconteceu na primeira gestão da Dor ( modo carinhoso dos amigos chamarem Dorcelina) é que ela preparou, na verdade ela preparou o caminho pra que depois, a gente pudesse desenvolver melhor os projetos que

Dezembro de 2011

foi, que foi implementado. E com o O.P não foi diferente porque era uma coisa nova, uma novidade, né. Inclusive nos palanque quando a Dorcelina falava que ia implementar o O.P a gente ficava até surpreendido falava... que jeito a gente vai fazer isso e enfim, ela ganhando a administração foi implementada essa experiência de ouvir a população, de discutir projetos, debater, ver o que é que é melhor, né, pra cada setor da sociedade e foi uma experiência maravilhosa a questão do O.P. Teve muitas dificuldades no início, né, muitas dificuldades para a implementação, até porque era... até porque era uma novidade e foi bom porque a comunidade...pela curiosidade de saber, AHHH vou na reunião do O.P, aquela curiosidade de saber,... [...]

Em contrapartida a esse depoimento, que não abordou os aspectos educacionais de forma direta, a narrativa da secretária da educação foi bastante contundente em relação a implantação do projeto político educacional e da importância de Dorcelina nesse processo, foi muito difícil escolher quais fragmentos eram mais importantes, elegemos como mais significativos:

[...] Ele (o projeto político) começou a incluir, esses alunos nas atividades culturais do município, em 1997 eram 680 alunos matriculados, depois de um ano já eram 1000 alunos tivemos que ampliar a estrutura existente, a Diretora não fazia o que a prefeita queria, e sim exigência do que a comunidade decidia, tudo começa a desde a concepção na barriga da mãe, por meio da casa da gestante, caminhando para o ensino infantil, e para o ensino fundamental, procurando transforma o ser humano em cidadão sem o paternalismo, construído através de projetos sociais. Dorcelina falava em inverter prioridades, a maior contradição e resistência foi a câmara, ela ia contra a administração, a prefeita transformava em projeto de lei com o apoio do povo, assim foi bolsa escola, assim foi a casa da gestante, que era a menina dos olhos da “DOR” (Dorcelina) [...]

A narrativa voltou-se para a questão da educação formal, pois ela lembrou a quantidade de alunos atendidos na escola antes do período estudado, destacando o aumento das matrículas posteriormente, o que acarretou a ampliação da estrutura escolar municipal. Este fragmento denotou o envolvimento da entrevistada com a organização do ensino como um todo, A secretária de educação continuou relatando que:

[...] A participação popular os segmentos o direito de falar e ver as coisas acontecerem, de vivenciar, de correr atrás dos meus direitos, cada segmento tinha que fazer sua parte, acreditando nas mudanças.

[...]falavam que a Dorcelina fazia aquilo só pra mascarar a situação, ta fazendo isso pra aparecer, eram pessoas conversadoras, e ao mesmo tempo capitalistas, só pensa no capital o mais importante pra elas era o dinheiro, o capital, a obra... em si e não o ser humano, pra nós eu penso, enquanto secretária, enquanto ser humano, enquanto educadora que o maior patrimônio de uma comunidade, de um município, de um estado de uma nação é o seu povo, se você não investir na população não adianta você investir em certas obras, apesar de todas são importantes a mais importante é o ser humano.

[...] A escola melhorou muito, melhorou os aspectos em geral mudou com ajuda da bolsa-escola, pois a família recebia um benefício de um salário mínimo para a permanência dos alunos na escola e em contrapartida as mães voltassem a estudar, elas também tinham que freqüentar esta escola era um projeto educacional, que ia além da sala de aula, tudo isso fez com que a comunidade acordasse a despertasse para participar de tudo que a escola tinha para oferecer, para sua clientela, seus alunos sua comunidade o projeto político estava vinculado ao projeto educacional, com certeza todas as melhorias vinham do setor público, a comunidade passou a conhecer, passou a participar, a cobrar e passou a viver esse projeto junto com toda a administração municipal da época e com o O.P. [...] (grifos nosso)

[...] Eu vejo a participação popular, que deve a cobrar mais os nossos governantes, de fato o direito da educação, [...] devem acreditar que a educação de fato vai ser prioridade e por

meio dela que ele passa ser cidadão da educação, participar mais, cobrar mais, que ela possa transformar a sociedade, mudando a situação de que poucos, enquanto o poder público não gastar com a educação não veremos desenvolvimento em todas as áreas, podendo ter qualidade de vida, não dá pra desvencilhar a educação da política, a sociedade como esta posta é muito injusta temos que exercer a consciência coletiva no cotidiano da escola pra mudar a situação da classe dominante. [...]

A seguir, no terceiro e quarto fragmentos, é importante ressaltar a defesa que a secretária de educação fez acerca da formação do homem, da necessidade de educar a população para a participação política, ela diz “o maior patrimônio de uma comunidade, de um município, de um estado de uma nação é o seu povo”, essa compreensão perpassou todo o fragmento apresentado.

No quinto e sexto fragmentos, destacamos a importância do projeto bolsa-escola, no qual a família recebia um salário pela permanência das crianças na escola e, em contrapartida, os responsáveis tinham que estudar também, o programa representou não apenas um projeto assistencialista, no relato apresentado, a secretária de educação disse: “era um projeto educacional, que ia além da sala de aula, tudo isso fez com que a comunidade acordasse a despertasse participar de tudo que a escola tinha para oferecer”. Nas palavras dela, temos a confirmação de que o “o projeto político estava vinculado ao projeto educacional”.

[...] Pois uma coisa fundamental que a Dorcelina dizia é que era necessário, fazer as pessoas entender a máquina pública, eles passaram a compreender como funcionava o custo econômico, a arrecadação, a divisão dos recursos, o valor gasto em cada setor e apresentava a população no meio da praça pública todo mês para a população. A verdadeira política é o que decide a nossa vida, jamais pode ser desvinculada da educação.

[...] Alguns projetos e coisas perderam um pouco o caráter, exemplo foi à bolsa família que perdeu a exigência das mães frequentarem a escola, era importante elas se tornarem independentes, viram e compreenderam que sempre foram cidadãs, donas de seus próprios atos, buscaram seus empregos, muitas delas buscaram escolas, a exigência a condição deste caráter se perdeu um pouco, eu fiquei sentida por isso. Tem muitos eventos muitas atividades, mas diferente do governo idealista da Dorcelina. Dorcelina era o cerne, ela foi o cerne junto com ela um grupo de pessoas, sem sombra de dúvida, sempre valorizava tudo e todos ela sempre dizia que sozinha ela não chegava a lugar nenhum. Sempre tinha um grupo de pessoas que partilhavam as idéias, as idéias de mudança, as idéias de transformação de melhorias, ela acreditava que a sociedade pode mudar sua história que a sociedade era protagonista de sua própria história e nós que estávamos junto com ela também acreditávamos nisso. [...]

Outro fragmento que consideramos importante foi sua declaração de que: “a Dorcelina dizia é que era necessário, fazer as pessoas entender a máquina pública, eles passaram a compreender como funcionava o custo econômico”, isto confirmava o que dizíamos acerca do projeto político representar um projeto educacional, que envolvia a sociedade civil na gestão dos recursos públicos e na educação para a emancipação política.

Na transcrição das narrativas observamos o engajamento dos envolvidos com o projeto político e educacional, a memória individual estava marcada por sua atuação direta na condução dos trabalhos. A narradora, ao se referir ao projeto de mudança social e ao ideal de Dorcelina, diz textualmente “nós que estávamos junto com ela também acreditávamos nisso”.

Transcrevemos os depoimentos da diretora e do professor, que relatam como os trabalhadores se organizaram para que o projeto educacional pudesse ser valorizado e viabilizado no período estudado. Como os educadores se organizaram, para que a população entendesse a importância da educação. A escola como centro irradiador e agregador do projeto educacional do município. No depoimento da diretora encontramos a seguinte narrativa:

[...] Não sei, só sei que nasceu de reuniões coletivas por parte da escola e depois e formações de grupos, nesses grupos tinha um questionário pra cada segmento da sociedade responder. Quem impulsionou foi a Dorcelina foi ela mentora do projeto, acreditou nas suas idéias, professora, deficiente, sem terra, e a persistência de não desistir de seus ideais, mesmos sendo vencida em outras eleições e não se abater com as derrotas sempre lutando pelos seus ideais pelo movimento dos sem-terra. [...]

[...] A nova forma de gestão responsabilizou a comunidade, por um projeto mais amplo a educação. Um dos diferenciais foi a derrubada dos muros, escola com grade e não com muro, permitindo maior visão do que poderia acontecer dentro e fora da periferia da escola. Facilitava a nossa visão, pois antes os traficantes aliciavam ou estavam aliciando nossos menores, ficavam escondidos atrás do muro, nós derrubamos o muro, e colocou-se um muro alegre e atrativo, grades em forma de lápis colorido, assim nós professores e a vizinhança e toda a comunidade envolvida com a escola cuidava. Cuidava de algo estranho que poderia ocorrer perto da escola Carlos Chagas. Evitávamos matação de aula, namoricos, pessoas mais idosas... estranhas, rodando a porta de escola, isso toda escola tem... Olhares de observação ao redor periferia da escola, algo de estranho..Acabou. Do pátio da escola, tinha uma visão do que estava acontecendo na rua, se um carro tem mais de vinte minutos parado, um funcionário da escola saia e perguntava se estavam precisando de alguma coisa, decidiam agir sobre o momento duvidoso. E iam lá verificar, isso acabou porque você tinha uma visão de tudo que acontecia ao redor da escola. A partir do momento que se derrubou o muro, os vizinhos se sentiam responsáveis... Há tem algo diferente lá dentro. A escola era cuidada por dentro e por fora. Melhorou bastante depois que tirou o muro e colocou grade. [...]

Na narrativa do professor encontramos as referências acerca das influências externas, que ajudaram na construção do projeto, e sua perspectiva a partir do projeto político ao educacional:

[...] Nós avaliávamos muito a questão de Porto Alegre, eles faziam muito anos lá, eles ficaram três mandatos, eles tiveram vários avanços na educação e na saúde, na questão de orçamento participativo, foi lá que começou sabe... na do O.P na questão da educação, a gente se embasou muitas vezes nas idéias deles, muitas vezes a gente procurou melhorar na questão do município, seguindo a administração petista sabe... valorizando os professores, investindo na área profissional. Houve muitas palestras sabe? que vieram na época da Dorcelina, época de palestras na questão do pessoal dentro do PT, que vinham de São Paulo, Geraldo Garcia, participou, o objetivo dessas palestras era a questão da gente trocar informações, melhorar a questão de todas as áreas, não só a questão da educação, observando várias cidades que deram certo. Houve investimento na área da educação, o kit escolar, a questão do MOVA. [...]

As narrativas apresentaram detalhes que remeteram à memória individual, fazem parte da construção da memória coletiva, rica em fatos concretos, e carregados de emoções, na entonação de sua voz, existe um discurso, um apelo, a uma coesão social (Nora, apud Tuma 2007). Essa carga emocional transpareceu quando a diretora narrou acerca das atitudes necessárias para envolver a comunidade com o que acontecia no interior da escola, trocou-se o muro da escola pelas grades, a

visibilidade propiciada foi a abertura para o diálogo com a comunidade, que passou a ser co-responsabilizada pelo processo educacional. Claramente observou-se uma coerência entre o discurso do fazer político e o fazer pedagógico atrelando política/educação que uma é a conquista do outro, que o fazer pedagógico só tem sentido maior se tiver ligação com o fazer político.

A diretora narrou acerca das estratégias para convencer a população a investir na educação, mesmo que essa não fosse inicialmente prioridade, pois considerou: “O compromisso da comunidade, de enxergar a educação como prioridade para o desenvolvimento do município.”

Na próxima narrativa, temos a perspectiva da coordenadora do programa Bolsa-Escola, militante do sindicato dos trabalhadores em educação, apresentou detalhes muito específicos, o que nos fez registrar vários fragmentos narrados em momentos diferentes, mas referindo-se ao mesmo assunto, pois a recorrência da memória caracteriza-se por esse ir e vir, próprio da recuperação das lembranças. (BOSI, 2001), Estas são referentes ao projeto político educacional.

[...] Sim, com a formação das associações de bairro, que não existia na época com a chegada da Dorcelina, a população foi se acostumando a participar, acostumando devagarzinho... é tanto que quando a gente vai a Campo Grande na formação de sindicato, nas palestras, fala que é de Mundo Novo já sabe que ele vai abrir a boca, vai falar, vai participar, já sabem que é de Mundo Novo, porque o povo de Mundo Novo aprendeu isso com a Dorcelina. [...]

O relato da coordenadora do programa, no primeiro fragmento selecionado, destacou acerca da organização dos trabalhadores da educação, que em sintonia com o projeto político do PT, remete ao segundo princípio de organização do MST, a sindicalização. Neste relato houve o desdobramento deste fazer, mas agora ela ressaltava com emoção os detalhes da construção do projeto, as estratégias das organizações sindicais na inserção dos educadores nos conselhos representativos e nas conquistas educacionais. Ela continuou afirmando:

[...] Eu fui num assentamento aqui, fui e passei um dia inteiro no assentamento, por que eu fiquei sabendo que o pessoal do INCRA ia vim dar um treinamento para os agricultores, que data eles tinham que plantar o arroz? em que data eles tinham que plantar o feijão? Que mês tinha que preparar a terra, eu tava no programa nessa época. Ai, o José Honorato, na época, que era secretário de administração, ele me convidou pra ir: [...], vamo no assentamento hoje? Vai ter um pessoal do INCRA dando um treinamento, peguei e fui. Num sol, num calorão, numa poeira, no assentamento que tinha aqui em Itaquiraí, na beira da estrada, e nós ficamos o dia inteirinho na reunião sentada num banco duro, no meio do mato, lá, fiquei participando desse treinamento. Então os treinadores, eles eram educadores, eu fui porque a gente tinha muita família que os maridos dessas mulheres, que os filhos, que os irmãos, eles tavam lá no assentamento, né. [...]

A narradora confirmou a presença constante do MST, influenciando a construção do projeto político educacional. Podemos constatar isso por meio de sua formação política, que se dava no interior dos acampamentos. Destacamos o fato de a entrevistada considerar que, como organizadora e responsável pelo programa bolsa-escola, deveria conhecer o local de onde provinham as famílias

atendidas, para melhor orientar as mães. Essa prática correspondeu ao que destacamos no capítulo anterior como “pedagogia do movimento”, que inspirou o projeto educacional de Mundo Novo.

A narrativa da coordenadora do programa Bolsa-Escola destacou a ação dos trabalhadores em educação, especificamente os professores esclarecidos sobre os direitos e deveres da sociedade civil, quando eles foram para o embate nos conselhos, questionando recursos e organizando-se em movimentos trabalhistas, unindo forças com os Sem- Terra e outras categorias trabalhistas.

### **Construção do Projeto Político Educacional**

O projeto político educacional, conforme já destacamos no bloco temático anterior, estava entrelaçado com os princípios da “pedagogia do movimento”, do MST, essa aproximação dificultou a separação da educação formal da informal, uma vez que a concepção de educação, proposta pelo movimento, não está restrita as paredes de uma sala de aula. As narrativas misturaram a prática pedagógica da escola e a prática educativa responsável pela formação política dos diferentes segmentos da sociedade civil.

Acerca do projeto educacional, o fragmento da narrativa do vereador que selecionamos discorreu sobre o ato educacional e a formação política, ao dizer:

[...] Com certeza, o pessoal da área de educação, que era representado pelo SINTED, pelo sindicato dos servidores, só que incluíam os servidores da educação no geral, do estado, do município, a contribuição era enorme, né, até porque, sem menosprezar ninguém, o pessoal mais esclarecido, com uma visão mais, mais aberta dos problemas tal, enfim, a contribuição do pessoal da educação foi muito grande. [...]

A análise narrativa, presente no fragmento selecionado do vereador, contemplaram a formação do projeto educacional na construção da educação informal, ao destacar o terceiro princípio do MST, que é a formação política da classe trabalhadora por meio da participação coletiva. A memória dele não trouxe elementos da educação no interior da escola, mas a construção do projeto político educacional permeou sua fala, e sua narrativa conceituou cidadania como prioridade ética na formação do ser humano.

Acerca do projeto educacional, a secretária de educação foi mais específica do que o vereador, pois, envolvida com a educação formal, suas memórias foram mais pontuais, refletindo o conhecimento da realidade das escolas:

[...] Eu vou ser bem sincera, nem as pessoas que eram contrárias, partidariamente que trabalhavam na escola, foram contrárias, eles participaram da construção do PPP porque perceberam que a administração não estava olhando partidarismo, ela estava vendo a educação, quando viram que as coisas estavam acontecendo perceberam que havia avanço no processo educacional do município estes contrários, passaram a acreditar e ajudar todos viveram isso e tiveram prazer. Algumas pessoas que eram “caciques” da cidade, não estavam no PPP e sim fora do PPP, a rejeição não aconteceu dentro da escola, mas de

algum movimento de oposição sobre a forma de administrar da Dorcelina, a comunidade construiu o Centro Infantil Paulo Freire, um espaço privilegiado, localizado na periferia do município, uma escola equipada, arejada e adaptada com rampa e banheiros para cadeirantes, o lugar realmente priorizava a diferença, construído em uma zona humilde, na periferia da cidade, inclusive foi feita uma afirmação, dizendo que a prefeita estava doida, enlouquecendo de dar escola de primeiro mundo pra periferia, pra um monte de pobres, pra miseráveis, pobre nem sabe viver em lugar bonito, pra que isso pra pobre? Isso era falado por alguns caciques da sociedade que não achavam o que falar, [...]

Neste fragmento, há o relato de que houve oposição ao projeto político, que em dado momento ela chamou de projeto político pedagógico: “eles participaram da construção do PPP”, apontando quem eram esses opositores: “Algumas pessoas que eram “caciques” da cidade, não estavam no PPP e sim fora do PPP, a rejeição não aconteceu dentro da escola”. A narradora destacou que a comunidade participou da construção do projeto educacional, acreditando em uma escola melhor, apenas políticos ligados as lideranças oligárquicas se opuseram ao processo, pois a educação de qualidade para a população carente, no caso, feria os interesses do capital. Esses “caciques”, conforme a narradora os chamou, diziam: “... a prefeita estava doida, enlouquecendo de dar escola de primeiro mundo pra periferia...”

A narrativa da secretária de educação contemplou um aspecto que não temos registro formal, a existência de um projeto político pedagógico, sendo construído com a participação da comunidade, por isso é tão importante o resgate e registro desses fragmentos de memória, pois foi uma iniciativa de inclusão que se perdeu. Continuando, afirmou que:

[...] O salário dos professores já de cara 100%, foi melhorado, traçou-se uma política salarial para os funcionários administrativos, aquisição do material pedagógico, não tinha nada... Nada. As melhorias não só foram sentido da questão física mais também na estrutura pedagógica, materiais pedagógicos e escolares em abundância, melhoraram a aquisição de livros para a biblioteca, montamos uma videoteca, melhorando o ensino aprendizagem na escola a permanência dos alunos na escola, tinha muita evasão, pois as escolas estavam na pobreza situadas na periferia, em áreas carentes, antes de 97 só havia sala de aula e quadro e nada mais... melhorou muito. [...]

[...] Sim, o que foi fundamental, foi à participação das pessoas do PPP da escola os professores e os discentes e a comunidade de pais as eleições da Escola, foi um grande passo para a autonomia, este passo importantíssimo para participar do processo de ensino e aprendizagem houve maior esclarecimento sobre os investimentos da educação. Foi um salto na educação infantil de 50 crianças atendidas para 450 crianças e com estrutura, não eram amontoados, depósitos de crianças, havia estrutura física e humana para atender estas crianças. Todos ficavam felizes, mais confiança, pois havia muita seriedade e transparência, suas prioridades eram atendidas pela comunidade. [...]

O último destaque que faremos nessa narrativa refere-se as condições de trabalho dos professores, pois, de acordo com a secretária de educação, houve valorização dos trabalhadores em educação, com aumento significativo do salário, melhoria na estrutura física e pedagógica da escola. Além disso, o que foi recorrente na fala da narradora diz respeito a Educação Infantil, que não existia, ou funcionava em salas que mais pareciam “depósitos de crianças”. A prefeitura assumiu

sozinha os encargos de manutenção desse nível de ensino, investindo e aumentando o atendimento, conforme a narrativa: “Foi um salto na educação infantil de 50 crianças atendidas para 450 crianças e com estrutura...”.

A próxima narradora, no caso a diretora, falou acerca do projeto educacional, sua perspectiva foi de dentro da escola, seu fazer relacionado com a direção das escolas, o que acrescentou mais dados para o conjunto de relatos que estamos montando acerca do período, suas memórias reportaram-se a ação educacional mais formalizada, como a escola sofreu influências diretas na construção do projeto educacional.

[...] Não participei da construção do projeto político, e sim só do pedagógico, quando percebi já estava nas reuniões distribuindo questionários, articulando na frente dos pais com os pais envolvidos nas melhorias da escola. [...]

[...] Qual a prioridade principal do bairro Copagril, reforma da escola Petrônio Portela, estava bem precária a reforma surgiu de um movimento do OP, estava registrado em fotos no museu e acervo principal, não foi uma reforma ela praticamente foi demolida a comunidade participando, a primeira verba que ela conseguiu, ela pintando, lixando, vizinho trazendo cafezinho, pãozinho, jardinando, pais e alunos participando da reforma, a primeira verba que a administração teve eles praticamente levantaram a escola, com espaço de lazer, banheiros ampliados, horta comunitária com legumes a serem utilizados para a merenda dos alunos trazendo valores esquecidos de compromisso daquele espaço escolar. [...]

No primeiro fragmento, a diretora contou-nos como foi a implantação do projeto na escola, que envolveu todos, mesmo os que estavam alheios ao projeto político participaram da ação pedagógica, que envolveu toda a comunidade escolar. Logo a seguir, destacamos outro fragmento, no qual a narradora confirmou o envolvimento dos pais, que não se limitava as discussões e cobranças. Um exemplo foi a participação, em forma de mutirão, na reforma da escola Petrônio Portela. Destacou que isso foi possível somente porque a comunidade percebeu a seriedade da proposta educacional, o que fez com que a comunidade abraçasse a escola. Continuou destacando que:

[...] Principalmente a estrutura física, eram bairros pobres de periferia, primeiro investi para dar um conforto aos alunos, pra que se sentissem seguros na escola, pra eles sentissem na escola, algo bom, o que muitas vezes não tinham em casa. Marcou uma forma diferenciada de gestão escolar, pra mim gestão escolar é uma forma de discernir e administrar coletivamente, o gestor é aquele que media as conquistas. Um dos diferenciais foi a participação da comunidade, a participação dos pais em freqüentar a escola, por receber a bolsa escola. [...] O maior objetivo do PPP é que cada um é igual com conhecimento diferenciado, esta é minha lição, a partir daí... passamos a valorizar mais o tempo disponibilizado com as pessoas da sociedade, com a comunidade escolar dentro da sala, fora da sala, no recreio passei a valorizar estes conhecimentos valorizados, gerando auto-estima. [...]

[...] Sim, na grade curricular do Ensino básico e na forma de participação das comunidades escolares, implantação das aulas programadas, eventos culturais escolares por meio de aulas programadas ela era responsável pelos eventos culturais. a informática que atendia até aos sábados, inclusive os professores que queriam aprender a lidar com o PC. Reuniões com os professores e suas reais necessidades. O Ensino infantil, não só tinha o objetivo de cuidar, mas educar o aluno, ampliando o número de CEIMS. O PPP e o município aderiam todas as inovações sempre ia buscando novas alternativas de gestão escolar. [...]

Nestes fragmentos, a concepção de administração dos bens públicos apareceu na narrativa da entrevistada, pois ao dizer que considerava que a “... gestão escolar é uma forma de discernir e administrar coletivamente, o gestor é aquele que media as conquistas.” Essa concepção foi forjada no seio dos movimentos populares, contemplando toda a discussão que fizemos acerca das práticas educacionais do MST. Embora a memória da narradora não envolvesse essa construção, pois ela mesma declarou não ter participado da elaboração do projeto político, as práticas educacionais do movimento estavam presentes nas suas ações pedagógicas. Estas práticas educacionais promoveram a formação humana e a fizeram refletir acerca da postura profissional, pois ela mesma declarou “dai... passamos a valorizar mais o tempo disponibilizado com as pessoas da sociedade, com a comunidade escolar”.

Finalizando esse bloco de narrativas, a diretora destacou a construção da matriz curricular, como a participação de todos foi importante para a discussão e elaboração de um projeto político pedagógico que atendessem de fato toda a população.

Nos depoimentos do professor, o relato diz respeito a sua participação em uma das escolas, sua memória recuperou algumas informações importantes que não apareceram na narrativa dos outros, o ensino noturno foi um exemplo.

[...] ... nós não, nós consultávamos a população, todas as reuniões do bairro dava em torno de 200, 250 pessoas assim, todos falavam. Então todas as pessoas falavam nos bairros sobre a educação, a participação era muito grande na educação, questão se havia vaga pra creche, a gente sabia que a Educação Infantil, o município bancava 100 por cento, não existia investimento do governo estadual e nem federal, na época não se investia. Hoje não, hoje trabalhamos com o FUNDEB, na época da Dorcelina existia FUNDEF, então o município tinha que bancar 100% da Educação Infantil, e bancava com qualidade: merenda, uniforme, hoje tá tendo uma decaída, a gente percebe que tá, não tá a mesma coisa. [...]

A perspectiva presente no primeiro fragmento dizia respeito à educação informal, uma vez que envolvia a sociedade civil, por meio das reuniões do orçamento participativo, a população era informada sobre as necessidades da escola, e discutia e resolvia como investir para melhorar as condições de ensino. Havia ações estratégicas para a garantia de que as verbas fossem destinadas prioritariamente para educação. Ele destacou a Educação Infantil, que era toda mantida pela prefeitura, como já foi narrado pela secretária de educação.

A narrativa da coordenadora do programa Bolsa-Escola esteve repleta de informações sobre a educação informal, pois a memória que relatou estava emocionalmente ligada ao contexto narrado (TUMA, 2007), como coordenadora, foi co-responsável pela construção do projeto educacional junto a comunidade de mães. Destacamos alguns fragmentos ricos em detalhes do contato da narradora com essas mulheres:

(Refere-se às mães do programa bolsa-escola) [...] Mães que antes nem escovar os dentes sabiam, socializávamos, como que essas mães iam educar seus filhos a escola podia dar a escova e elas podiam quebrar essa escova porque não sabiam a serventia daquilo, mães analfabetas muitas delas brasiguaias, brasileiros que saiam do Paraguai e voltavam pra casa, hoje estas mulheres estão por ai estudando, trabalhando, muitas estão no ensino médio, na faculdade,... [...]

[...] (sobre a bolsa-escola) Trabalhávamos por meio de reuniões mensais e quinzenais discutindo um assunto político, educacional polemico da atualidade; hoje vamos discutir a autoridade do pai, discutia só sobre a autoridade do pai na família, as mães falavam, falavam, falavam, a gente orientava. Na outra reunião a gente ia discutir postura sexual da mulher, discutia os mais variados assuntos, na outra reunião a sexualidade da menina, na outra a sexualidade do filho homem, como os pais podem lidar como namoro dos filhos a gente trabalhava a multidisciplinaridade, tudo isso a gente fazia, por isso que a bolsa-escola eram educadores professores, todos eram professores do estado, pedagogos, ficávamos entre duas a três horas reunidas, a gente fazia místicas pra introduzir os assuntos, pra todos ficarem envolvidos e participarem das discussões e dependendo do tema até a solução, usávamos os temas transversais dos PCNs... [...]

[...] ... a gente fazia círculo de discussão, as mães eram reunidas em grupos, porque eram cento e oitenta famílias e não cabia, a gente tinha quinze grupos, cada dia era uma reunião com um grupo, o grupo não passava de vinte e cinco mães, pras discussões ficarem bem afetivas, né, a gente não tinha, a meta, a gente tinha projeto, tudo né, tudo que conduzia nosso trabalho. [...]

No primeiro fragmento, a coordenadora do programa destacou as condições precárias de formação humana das mães e a necessidade de educar não apenas as crianças, pois as mulheres eram desprovidas das condições básicas de existência, não tinham espaço de identificação (HALL, 2005), pois não eram reconhecidas nem como brasileiras, nem como paraguaias, eram marginalizadas. O projeto educacional gerou conquistas para essas mulheres, conforme a narrativa: “... hoje estas mulheres estão por aí, estudando, trabalhando, muitas estão no ensino médio, na faculdade...”

No segundo e terceiro fragmentos, a coordenadora narrou a metodologia e os procedimentos pedagógicos para trabalhar o projeto educacional. O primeiro passo para o envolvimento da comunidade vinha por meio das místicas para introdução dos assuntos (motivação); o segundo passo dizia respeito às matrizes curriculares da educação formal, PCNs ( parâmetros curriculares nacional;temas transversais); no terceiro passo eram abordados os conteúdos, que são relacionados com a problemática social vivida pela comunidade; no quarto passo refletia-se sobre os problemas da comunidade. O ponto culminante das reuniões era o quinto passo, no momento da abertura do espaço de discussão, no qual todos falavam.

É importante ressaltar que o exercício da prática pedagógica, que vinculava o projeto educacional de Mundo Novo aos princípios pedagógicos do MST, provocava a conscientização e despertava o compromisso e a responsabilidade social, como afirma Marx (1987) “as circunstâncias fazem o sujeito, assim como, o sujeito faz as circunstâncias.” Compreendendo esta afirmação podemos entender as nossas práticas pedagógicas, nas relações que permeiam o sujeito, enxergando

as duas dimensões numa só, ou seja, ver as práticas pedagógicas do MST e ver o MST nas práticas pedagógicas. Nesse cenário, o resultado das eleições municipais de 1996, em Mundo Novo, provocou uma “ruptura discursiva” (RODRIGUES, 2007) com discurso conservadores que sempre estiveram no poder, conduzindo à administração direta uma representante dos movimentos populares, Dorcelina de Oliveira Folador, que pertencia ao Movimento dos Sem-terra e era filiada ao Partido dos Trabalhadores. A construção de um discurso de projeto político, pautado nos princípios educacionais do MST, o qual tinha mais um caráter educacional, tentou inverter a relação entre a sociedade civil e o Estado, na medida em que as representações dos diferentes segmentos passaram a co-participar da administração municipal.

Consideraremos as condições materiais e emancipação da realidade escolar mundonovense, compreendendo o contexto histórico, social-cultural, educacional e político, que constituem a educação contemporânea. Compreender como uma líder do MST em um Estado agrário, marcado pela história e imposição conservadora pode ser eleita e colocar em prática, com intervenção no real, todo um discurso marcadamente ideológico, ou seja, como os princípios do MST conseguiram influenciar as mudanças educacionais e as praticas educacionais, e qual o espaço político que estes sujeitos ocupam hoje, após onze anos do seu assassinato, onde estão as vozes daqueles que co-participaram da construção de um projeto educacional?

Verificaremos se existe, nas narrativas atuais, o caráter de construção coletiva, que caracterizou a experiência do projeto educacional, implementado em Mundo Novo, durante a gestão de Dorcelina Folador, e ainda, se este se mantém com o mesmo foco, enquanto memória e história.

Ressaltamos que o nosso recorte da prática discursiva, histórica e política de Dorcelina Folador, recai sobre as mudanças históricas do sistema de educação do Município de Novo e como influenciaram outras perspectivas da Educação no Estado do Mato Grosso do Sul.

Esses fragmentos confirmaram a discussão que apresentamos de que o projeto político era um projeto educacional, fazia o ensino formal e informal, ao educar a população. A narrativa da coordenadora do programa destacou a diferença entre a concepção de educação mercadológica e a concepção de educação com a valorização da formação humana. Ela afirmou: “... A gente não tinha meta, a gente tinha projeto, tudo né, tudo que conduzia nosso trabalho.”

[...] Olha o projeto político pedagógico da escola ele, ele, a mudança que ele trouxe, eu acho que ele deu um caráter mais organizativo pra educação, né, de organização do espaço escolar, dos direitos e deveres de alunos, dos educadores, né, a contribuição deles, assim, que a gente viu mais foi nesse sentido, o que a gente viu, por exemplo, depois veio a questão do conselho tutelar: isso pode, isso não pode fazer com o aluno, aquilo pode, aquilo não pode, na questão organizativa, ainda deixou muito a desejar na questão evolução didática pedagógica. [...]

As narrativas apontaram a construção de um projeto político educacional, que buscava a transformação dos sujeitos sociais, portanto, quando o sujeito social se apropriava da informação, do conhecimento, seja em qualquer instância, em quaisquer circunstâncias, ele mudava sua perspectiva sobre o mundo que o cercava. O conhecimento informal desencadeia a descoberta do conhecimento intelectual, este por sua vez permite-nos uma leitura de mundo que vai além dos signos, além da escrita, nos permite ter uma leitura de mediação, ter uma perspectiva crítica em relação ao que somos e ao que queremos na construção da nossa postura ideológica e política.

As narrativas ressaltaram a questão de que houve muito investimento na escola, mas que o tempo para a formação dos professores foi insuficiente, para que pudessem usufruir de todo o aparato disponível. A sobra de materiais apareceu na fala de mais duas narradoras.

### **Considerações Finais.**

O exercício da cidadania, que se tentou implementar em Mundo Novo, cumpriria com objetivo de educar o homem quando, diante das conquistas educacionais, este compreendesse que a política e a educação não se separam e sim se entrelaçam.

As memórias, individual e coletiva, dos narradores estão interligadas, pois pertencentes a um mesmo fenômeno, a um mesmo grupo social, onde cada sujeito colheu o que foi mais representativo para ele naquele momento, o tempo e o espaço são revividos como se fossem fatos presentes, mas segundo Halbwachs (2004) são dependentes dos interesses atuais de quem narrou a história.

Retomando em memória o espaço e a época vivida de 1997 a 2000, foi como se o tempo parasse, pois a relação do passado com o presente foi permeada por lembranças que se cruzavam e se complementavam, não tendo uma única identidade, mas uma identificação individual, a qual é valiosíssima para compor a identificação coletiva. (HALL, 2005)

Acreditamos que o homem só superará as desigualdades sociais quando todos puderem usufruir o bem comum. Parece utopia, já que vivemos numa sociedade de consumo, na qual tudo é descartado, onde as memórias são apagadas - não é que nos esqueçamos, mas nos fazem esquecer. As histórias, embora sendo fecundas, são esquecidas em detrimento de uma ideologia mercadológica em que as instituições são “Aparelho reprodutor do Estado” (SAVIANI, 2007). Superar esse modelo é o grande desafio da humanidade.

### Referências Bibliográficas.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARIN, Jerri Robert. **A pastoral das fronteiras entre Brasil, Paraguai e Bolívia**. Anais do VI Encontro de História do MS: História, Memória e Identidades. Campo Grande: UCDB, 2002.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MST - **Construindo a história da nossa luta - MST** [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)

OLIVEIRA, a. C. S. De. **Movimentos Sociais e Ação Educativa: Uma Experiência em Mundo Novo – MS**. Dissertação de mestrado em educação, UEL – universidade estadual de londrina. Londrina-PR. 2009

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol.2, n.3, 1989.

RODRIGUES MST: **Discurso de Reforma Agrária pela Ocupação: Acontecimento Discursivo**. Tese de Doutorado em Linguística, IEL – UNICAMP. Campinas-SP: 2007.

SAVIANI, Dermeval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq para o “Projeto 20 anos do Histedbr”. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos>>, publicado em 25 de agosto de 2005. Campinas, SP. Acesso em: setembro 2007

TUMA, Magda Madalena, MESQUITA, Ilka Miglio de, CHIOZZINI, Daniel Ferraz. **Potencialidades da história oral e da memória para o diálogo com professores e professoras em suas singularidades**. In ZAMBONI, Ernesta. **Memória, história oral e razão histórica**. Itajaí: Editora Maria do Cais, 2007.

